



Ano 6, Vol 6, Núm. 1, jan-jun, 2025, pág. 530-545.

## **Formar pela Leitura: uma Reflexão do que se proclama e o que pode ser Feito Prática**

**Educating through Reading: a Reflection on What is Proclaimed and What Can be Done Practically**

Sérgio Augusto Santos de Palma<sup>1</sup>  
Zair Henrique Santos<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Resultado de uma reflexão a partir da minha dissertação de mestrado, onde trabalhei a formação pela leitura com adolescente e jovens por meio de um clube de leitura, este artigo busca discutir o discurso vigente sobre leitura e sua inegável aceitação de que a leitura é algo importante e o paradoxal contexto social, econômico e cultural que nega condições para sua realização. Ao abordar estes elementos, buscaremos aclarar as reais intenções desses discursos, ao mesmo tempo em que traremos reflexões importantes sobre o papel formador humano da leitura tendo como base a literatura de autores como Britto (2012), Candido (1995), Lajolo (2010), bem como as experiências vividas dentro do clube de leitura LIV.

**Palavras chave:** Leitura; Formação; Sociedade

### **ABSTRACT**

The result of a reflection based on my master's dissertation, where I worked on reading education with adolescents and young people through a reading club, this article seeks to discuss the current discourse on reading and its undeniable acceptance that reading is something important and the paradoxical social, economic and cultural context that denies conditions for its realization. By addressing these elements, we will seek to clarify the real intentions of these discourses, while at the same time bringing important reflections on the human formative role of reading based on the literature of authors such as Britto (2012), Candido (1995), Lajolo (2010), as well as the experiences lived within the LIV reading club.

**Keywords:** Reading; Education; Society

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Mestrado em Educação, 2018-PPGE/UFOPA. E- mail. [ufpa.sergio@gmail.com](mailto:ufpa.sergio@gmail.com) .

<sup>2</sup> Professor efetivo da Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação. E- mail. [ufpa.sergio@gmail.com](mailto:ufpa.sergio@gmail.com) .



## **INTRODUÇÃO**

O par leitura/escrita proporcionou à humanidade um avanço sem precedentes, ao permitir armazenar o conhecimento através da codificação via alfabeto, com isso todos os avanços científicos foram se acumulando e promovendo mudanças que paulatinamente transformaram o estilo de vida do indivíduo, e seu próprio modo de ver a si mesmo e ao mundo. Assim, enquanto ser genérico<sup>3</sup>, boa parte das suas conquistas, seja, na ciência, na educação, na saúde, trabalho etc., são graças à leitura e a escrita.

Inegável, portanto, considerar que a leitura seja importante meio para participação social, tal como a sociedade se apresenta hoje, pois por meio dela temos acesso a boa parte da informação, formação e educação, elementos responsáveis para que tenhamos condições de reproduzir o gênero humano.

Na sociedade urbana e capitalizada, a leitura torna-se, portanto, fator preponderante de participação social, aprende-se a ler para se informar, conseguir um trabalho, tomar um ônibus, ler uma bula de remédio, um jornal, elementos tão simples, e ao mesmo tempo tão excludentes a quem não dispôs de educação formal.

Essas tendências são reafirmadas em discursos bastante presentes em diversas mídias, e promovem a ideia rasa de leitura como mera decodificação, mascarando e negando a leitura enquanto possibilidade de formação cultural, social e histórica às classes pobres, usando como artifícios, a venda de livros de menor valor artístico petrificado e promovendo como literatura produções escritas efêmeras e pouco reflexivas. O que leva a uma falsa visão de igualdade e de pertencimento, ao mesmo tempo em que nega à classe trabalhadora o acesso material e intelectual a uma vasta produção intelectual e literária da humanidade.

Então, o discurso vigente sobre a importância da leitura, propagado atualmente, funciona como um artifício para o pleno funcionamento da sociedade, pois perpassa

---

<sup>3</sup> HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra. 2000



pela necessidade de criar indivíduos capazes de executar tarefas à contento, respondendo assim, ao imperativo da produção e reprodução do sistema.

Surge aí um necessário questionamento: que leitura a sociedade capitalista, que é fortemente dividida em classes, preconiza quando destaca que ler é importante? Quais suas intenções? E a quem se dirigem esses discursos?

Responder a esses questionamentos, aparentemente simples, requer grande reflexão, justamente por buscarmos neste artigo uma abordagem que explicita quais os resultados concretos da visão de leitura produzida pela sociedade vigente, nas práticas de leitura.

### **A LEITURA E SUAS FACES: O QUE SE PROCLAMA E O QUE ELA É.**

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende no banco da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura do voo das arribações que indicam a seca como se sabe quem lê *vidas secas* de Graciliano Ramos independente da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros.  
(LAJOLO, 2010 p.07)

Vemos na afirmativa de Lajolo que, embora, a escola tenha um papel fundamental no aprendizado da leitura e escrita, a função social destes atos, principalmente o da leitura, tem sido perdida, por conta de um cerceamento que tem reduzido a leitura à mera decodificação das palavras, e que tem produzido uma forte tendência a uma alfabetização quase que compulsiva e mecânica dos indivíduos, perdendo-se o que de fato a leitura pode vir a ser.

Sociedade, país, professores pressionam o indivíduo, ainda criança, para que desde seu ingresso na educação formal, às vezes até antes, já saiba as primeiras letras, mesmo sem saber seu significado, nem para quê está aprendendo.

Centram-se, deste modo, esforços, na educação infantil, no alfabetizar, que geralmente tem os seguintes passos: primeiro o indivíduo conhece as letras, depois as sílabas, as palavras, as frases, para então chegar a fragmentos de textos e posteriormente a textos completos, porém curtos. Apesar de longo, este percurso tem se revelado



paradoxal. O contato com os livros é bastante reduzido e, na maioria das vezes, restringe-se a análise gramatical e interpretação de textos em nível operacional, esquecendo-se abordagens mais profundas da leitura, que ao promover maior reflexão a cerca de temáticas, questões sociais e históricas, poderiam dar mais clareza aos estudantes do sentido da leitura.

Esta visão é corroborada por Lajolo 2010 que critica o mecanicismo tomado pelas atividades tidas como de leitura.

Ao se debruçarem sobre o ato de ler, as teorias e metodologias da leitura costumam excluir de seu horizonte a natureza do texto sobre o qual tal atividade se exerce, concentrando sua atenção ora sobre procedimentos mecânicos, ora sobre habilidades, ora sobre operações mentais envolvidas na leitura.

(LAJOLO, p.88)

Tal prática tem prejudicado o processo formativo dos estudantes e sua aproximação com o mundo da leitura, negando a estes um direito tão importante quanto o de comer, vestir e trabalhar, conforme destaca Candido (1972):

As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo. (...) frui-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos ocorre humanização e enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão.

(Candido, 1972 p.179-180)

A realidade, no entanto, tem apresentado exatamente o contrário, o acesso a leitura, principalmente de literatura é cerceado às classes mais pobres, seja por questões objetivas, como falta de recursos para aquisição de livros, excesso de atividades escolares seja por questões subjetivas como fazê-los acreditar que a literatura é algo pertencentes a intelectuais, ou que é algo inútil a sua vida prática.



Vemos, assim, que a dinâmica do cotidiano embora tenha declarado apreço pela importância do ler, apresenta uma faceta limitada deste ato, conforme BRITTO (2012 p.40)

A cotidianidade moderna tem uma complexidade tal que os referenciais da vida prática se realizam mediados por uma prática vertical. Para que ocorram a contento, o deslocamento no espaço urbano, o trato com as coisas domésticas, os cuidados consigo, o lazer, o trabalho, as obrigações públicas, a participação em esferas identitárias (igreja, associação, clubes etc.) precisam ser mediados, em diferentes níveis de complexidade, por ordenações escritas. “

Na prática, tem-se feito pouco para que a leitura tenha espaços em que os indivíduos a experienciem e discutam. Ao contrário, as práticas de leitura produzidas têm excluído estes estudantes de uma participação não alienada dentro da sociedade, contribuindo para o processo de desumanização.

Fato é, que as salas de aula têm seu tempo preenchido com disciplinas formais- matemática, química, física, biologia, português- e pouco tempo para atividades como a leitura, que relegada a ações recreativas e sem intencionalidade, tornam-se vazias e desvalorizadas.

A impressão que se tem é a de que a leitura é uma atividade que uma vez aprendida, encerra-se, por acreditar-se que o fato de saber ler é o suficiente para que os indivíduos possam desenvolver-se na cultura letrada, negando o fato de que existem questões muito mais profundas que interferem no desenvolvimento dos estudantes enquanto possíveis leitores, a saber: elementos sociais, econômicos e históricos.

Somente compreendendo a organização desses fatores poderemos chegar a compreensão da sua importância num projeto de formação de um indivíduo autônomo e reflexivo.

No plano social-histórico, por exemplo, podemos destacar a forte tradição colonialista elitista brasileira, em que somente os abastados financeiramente tinham acesso à instrução formal - ler, escrever, fazer curso superior- sendo relegada à população mais pobre a ignorância; eram poucos os que tinham acesso a alguma formação, e geralmente estes estavam ligados a uma carreira clerical. Deste modo,



mantinha-se a maioria da população sobre controle e incapaz de manifestar descontentamento com realidade.

no Brasil - Colônia, o exercício do ato de ler era permitido a poucos: aos portugueses que chegaram a esse país, aos senhores de engenho e a seus filhos, ou às pessoas ligadas à administração da colônia; e ainda aos jesuítas e ao clero. Quanto às pessoas mais simples: escravos ou empregados dos Nobres, que moravam nessa pátria, o direito à leitura e à escrita não lhes eram outorgados, dentre outros direitos, inclusive mais necessários do que a leitura e a escrita, como por exemplo: direito à moradia, à alimentação adequada, à saúde, etc.

(SOUZA FILHO, 2011 p.01)

Assim, temos constituída uma elite que deteve o poder econômico, ideológico e cultural e uma classe trabalhadora, que com pouco acesso a educação formal, foi excluída de todo esse processo, tendo negado o seu direito de acesso aos bens e conhecimentos produzidos historicamente.

Essa dinâmica só se ampliou com o avanço histórico, as forças de produção se tornaram complexas, o que produziu o aumento da exploração do homem e da desigualdade, gerando nesse processo um tipo de trabalho típico do capitalismo, o trabalho alienado, que segundo Manacorda (2012)

(...) produz deformidade, imbecilidade, cretinismo no operário, que se torna um objeto estranho e desumano, no qual nenhum dos sentidos existe mais, e que não apenas não mais tem necessidades humanas, mas em que também as necessidades animais cessam, pois tornou-se um ser insensível e sem necessidades

(MANACORDA, 2012 p.79)

Cientes disso, entendemos que tomando a leitura como importante balizador no processo formativo dos estudantes, por apresentar elementos que promovem o conhecimento histórico, social e cultural em suas mais variadas temáticas, entendemos que os discursos e as práticas de leitura atual não dão conta do papel formador que a leitura pode assumir no contexto em que as razões pragmático-imediatistas limitam-na a um papel figurativo no processo formativo do ser humano.

Ao saber que “O processo de aquisição das particularidades humanas, isto é, dos comportamentos complexos culturalmente formados, demanda a apropriação do legado objetivado pela prática histórico-cultural.” Martins (2017 p.14), entendemos que o



contato com os registros escritos que preservam toda a expressão da evolução da humanidade é importante elemento no seu processo de humanização. Assim, aprender a ler é necessário. No entanto, muito mais que isso, saber por quê ler, e o que ler é imprescindível nesse processo.

No plano econômico, por sua vez, temos uma dinâmica de trabalho acelerada e alienante, no qual o indivíduo, à margem do processo de trabalho- sua atividade vital-<sup>4</sup> é excluído do produto criado por ele, ao mesmo tempo em que torna a si mesmo produto. Sua força de trabalho termina sendo trocada por um valor econômico muito menor do que o produto produzido por ele.

Isso significa que o trabalho, nessas condições, serve para aumentar o abismo social entre a classe exploradora (elite econômica) e classe explorada (proletariado), contribuindo para a manutenção do poder e da ordem vigente.

Duarte 2013 ao afirmar que “o trabalho, como atividade vital humana, não é apenas uma atividade que assegura a sobrevivência do indivíduo que a realiza e de outros imediatamente próximos a ele, mas uma atividade que assegura a existência da sociedade.” (p.23) deixa claro que a dimensão ganha um viés predatório que gera uma forte distorção do trabalho enquanto elemento transformador e satisfatória das necessidades humanas.

Nesse contexto, a organização da produção exige cada vez mais a formação do indivíduo, porém, esta é formação técnica e automática, em detrimento de uma formação que ajude a tornar-se cidadão emancipado. Deste modo, temos um trabalhador técnico, executor de múltiplas tarefas, mas, muitas vezes, incapaz de sentir, de questionar de se posicionar.

O trabalho ganha, assim, viés mecânico e alheio ao homem, deixando de ser produtor da humanidade do indivíduo, tornando-o insensível, sem história e inconsciente.

Deste modo, buscar a formação do indivíduo baseado em trabalho que possibilite que este tenha acesso consciente a bens culturais, sociais e históricos é

---

<sup>4</sup> Duarte. Newton, A dialética entre a objetivação e apropriação 2013 apud, Marx. K. *manuscritos filosóficos* (2004 p.84)



possibilitar-lhe a sua própria construção como ser humano concreto, capaz de pensar racionalmente, mas também de ser sensível e reflexivo. Nesse sentido, a leitura pode ser apresentada como importante elemento na formação do indivíduo, pois nela estão representadas as inúmeras faces do humano, conforme afirma Candido (1995)

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.

(p.175)

O contato com a leitura pode proporcionar a este indivíduo a liberdade de conhecer sua história, se construir, desconstruir e se conhecer como parte importante na sociedade, e assim permitir seu próprio desenvolvimento ao mesmo tempo em que ajuda a sociedade a se desenvolver.

Devemos, assim, estar conscientes de que a leitura não deve ser reduzida a decodificação, para que os espaços como escolas e bibliotecas não se reduzam a lugares de estudos mecanizados, onde a leitura é mais um instrumento para o mundo do trabalho.

Superar o viés utilitário da leitura, mesmo quando ela é declarada boa, implica em não aceitarmos esses conceitos e discursos de forma passiva e inconsciente. Devemos estar conscientes de que os elementos elencados anteriormente influem diretamente na visão de formação e, por extensão, de leitura que se tem atualmente. Assim, quando falamos de formação e leitura devemos perguntar: bom para quem? Para quê? O que realmente quero com a leitura? O que me é oferecido?

## **A RESSIGNIFICAÇÃO DA LEITURA**

Sabendo que dentro da ideologia vigente a consciência é “semiformada”<sup>5</sup> “afirmativamente para confirmar a reprodução continuada do vigente como cópia pela

---

<sup>5</sup> Maar. W. Adorno, semiformação e educação.



indústria cultural” Maar (2003, p.461), vemos que a leitura é uma necessidade inquestionável, e elemento fundamental de um projeto que busque a formação e emancipação do indivíduo. Por meio dela temos a possibilidade de conhecer a realidade além do aparente, transcendendo essa consciência pragmática-instrumentalista dada pelo atual regime econômico.

A inegável realidade de que o homem parece levar a si mesmo a uma iminente destruição, justamente por culpa de uma formação excessivamente técnica, desligada de qualquer formação sensível, ética e histórica, faz ter claro que formar o indivíduo no sentido de uma integralidade na qual racional, ético, estético e histórico, devam ser o principal foco do processo de formação.

Chaves (2007) destaca um importante viés do que se deseja que esse indivíduo se torne enquanto ser humano, integrando-o em um processo e projeto de sociedade que vise uma forma sustentável e equitativa de coexistência social.

Para que as ações dos indivíduos correspondam às expectativas socioculturais, do ponto de vista ético-moral, é preciso que eles assumam uma formação humana ético-moral, orientada para a construção da cidadania. A formação do cidadão, por sua vez, implica autonomia, senso crítico e corresponsabilidade social. Isto se torna tanto mais relevante e urgente quanto mais forte for a percepção da sobrecarga de contradições que afligem a sociedade contemporânea.

(CHAVES, 2017 p.339)

Nesse sentido, no processo de formação do homem existe uma luta de projetos antagônicos, onde um exclui grande parcela da população dos bens materiais, culturais e históricos produzidos, dentre eles um dos mais importantes, o livro; e outro, busca dar posse a esses direitos, valendo-se da consciência que o acesso pleno a leitura é importante para isso.

Corroborando com essa posição, SILVA e ZILBERMAN (2004, p 112 -113) afirmam justamente a posição importante ocupada pela leitura no projeto de dominação:

Quando uma sociedade se divide em classes antagônicas e mostra-se desigual em diferentes níveis, a leitura pode se apresentar na condição de um instrumento de controle, empregado sistematicamente pelos setores dominantes; neste caso, essa constitui elemento auxiliar de inculcação



ideológica, colaborando para a permanência de situação privilegiada de grupos detentores do poder.

Vemos assim, que o projeto de cerceamento da leitura às classes pobres não é algo feito ao acaso, há necessariamente, um impedimento, pelas condições, sociais, econômicas e culturais- cultura hegemônica- que beneficia a elite econômica mantendo seu status.

Nesse contexto, os espaços educacionais formais deveriam proporcionar ambientes em que a leitura fosse experienciada pelos indivíduos, que fossem abordados os temas dos livros, e não usada a leitura como pretexto para o ensino de gramática. A leitura, principalmente de literatura, deveria tornar-se o centro das discussões e elemento balizador do processo de formação humana do indivíduo. As bibliotecas, lugares onde as pessoas buscam esses espaços, principalmente para estudar para provas de vestibulares e concursos, deveriam organizar ações que promovessem a leitura muito mais como um elemento transformador da realidade, do que um meio de inserção no regime atual.

Por exemplo, em artigo constante no periódico Retratos da Leitura no Brasil de sua 3ª edição a autora Maria Antonieta Antunes Cunha, com base na pesquisa feita sobre a leitura pelo periódico, destaca que a pesar de termos um número considerável de bibliotecas públicas no Brasil, boa parte da população não frequenta este espaço.

a biblioteca pública não deveria ser apenas, como indiscutivelmente é, um braço da escola. Exceto para complementar ou suprir a falta da biblioteca escolar, ela não existe para a nossa população. Para os entrevistados, sua inutilidade é tal, que respondendo à pergunta “O que o faria frequentar a biblioteca?”, 33% deles disseram que nada os faria frequentar a biblioteca. (p.88)

Sabendo que somente a disposição material da produção escrita não resolve a questão do acesso a leitura, entendemos que existe a necessidade de espaços que promovam um processo em que a leitura seja o centro de suas ações.

Ao trazer como proposta a criação de clubes de leitura<sup>6</sup> como ideia a ser considerada dentro desse processo, destacamos que estes espaços são lugares propícios

---

<sup>6</sup> CASTRILLÓN, Silvia. Clubes de lectores: informe de una experiencia. Bogotá: Asolectura, 2007. p.09



para as pessoas interagirem discutindo sobre obras literárias, apresentando seus pontos de vista, conhecerem diferentes obras e, assim, criar uma atmosfera onde o refletir sobre as obras permitem refletir sobre a vida e a condição a que somos submetidos.

Vale lembrar que esta não é uma tarefa simples, há que se refletir o que é pretendido ao se trabalhar a leitura, tendo em mente que as obras nem sempre são inofensivas, pois causam reflexos, no inconsciente do leitor que em muitos não poucas vezes nem imaginamos.

Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever. No âmbito da instrução escolar o livro chega a gerar conflitos, porque o seu efeito transcende as normas estabelecidas.

(CANDIDO, 2011 p.175-176)

Baseado na experiência vivenciada em um clube de leitura na cidade de Santarém, o LIV (ler, interagir e viver) pudemos perceber que a leitura quando trabalhada de maneira dirigida e dialogado permitiu um ganho de desenvolvimento importante naquele grupo. Ao trabalhar leitura com temas sociais, tivemos a oportunidade de discutir temas importantes, podendo aprofundar, confirmar e desfazer ideias a partir do diálogo. O clube, ao longo de dois anos promoveu discussões que permitiram aos seus membros perceber que a leitura, para além de um lugar de evasão, é um lugar de formação, que a escolha do que se lê e como se lê é importante para a sua formação, pois a produção escrita carrega um vasto conhecimento que nos permite experienciar vidas e momentos históricos a qual, por nossas condições, não teríamos acesso.

Ao longo desse processo ficou evidente que as condições sociais, econômicas e educacionais nos apresentam um caminho, muitas vezes, diferente do que a leitura como elemento de formação humana oferece. Percebemos durante os encontros a clara dificuldade enfrentada pelos participantes por questões de tempo, dinheiro e incentivo (falta dele) dos pais para a prática da leitura, fazendo ver que a leitura apesar de vista



como importante não é tratada como tal. Isso deixou evidente os inúmeros caminhos que a leitura pode apresentar, e que superar crenças de que a leitura deve ser sempre algo prazeroso, que ela deve ser praticada enquanto recreação, ou apenas um meio de conseguir algo imediato são questões importantes a serem superadas.

Portanto, é necessário sabermos aonde queremos chegar, caso contrário nos perderemos e desperdiçaremos o que de mais precioso ela pode nos proporcionar, conhecer o humano por inteiro.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sobrepor a discursos imediatistas e simplificadores de leitura é o primeiro passo a ser dado rumo a uma renovação dos paradigmas da leitura. Crer que a leitura é um “sacrifício” necessário para alcançar um objetivo, que tão logo cumprido podemos esquecê-la, que basta se ensinar a ler e este indivíduo se tornará um leitor, que ler é algo prescindível à vida do indivíduo, que ler é algo para pessoas desocupadas, que desfrutar das grandes obras literárias são prazeres para pessoas ricas, são discursos e práticas a serem superadas.

É bem verdade que as condições materiais nos compelem a lutar por necessidades muito mais urgentes- comer, vestir, morar- de tal maneira que acreditamos que ler é algo desimportante, algo que apesar de ser considerado bom por todos, não é fundamental.

Porém, se a palavra nos ajudou a organizar o pensamento e assim, melhorar nossas ações, não podemos acreditar que a escrita, e com isso a leitura, podem deixar de fazer parte da nossa vida como elementos de constante formação do humano e com um direito nosso.

O discurso da ordem vigente acaba por construir duas visões antagônicas e complementares aos seus propósitos quando se fala da leitura; a primeira: utilitarista, imediatista que nos faz ver apenas o viés de inserção no mercado de trabalho, “se o ler não me serve para entrar no mercado de trabalho não tenho porque ler”, criando uma



certa aversão a leitura, onde se lê por obrigação, e os textos lidos, quase nunca são textos literários e pouco contribuem para a formação humana do indivíduo. A segunda, uma visão quase que mitológica de um sujeito leitor intelectual que está acima do bem e do mal, apartado das mazelas do mundo, dono de um caráter imaculado que sempre está cercado de livros e sua única preocupação é o ler, o que cria um distanciamento muito grande de um leitor real, comum, que envolto pelas mazelas sociais não se vê capaz e nem seduzido pelo ato de ler.

No meio disso, temos o cidadão comum que trabalha, possui uma família, que frequentou a escola pública, que teve pouco acesso a leitura, que provavelmente nunca adquiriu um livro, realidade da maioria dos participantes do clube de leitura LIV. Uma realidade contrastante que gera um ambiente em que a leitura perde sua importância, não porque o indivíduo não gosta de ler- como se o gostar fosse algo inato-, mas porque a leitura não fez parte do seu cotidiano, porque este nunca percebeu que foi impedido de ter acesso a este importante bem cultural.

É evidente a necessidade da criação de espaços que promovam o acesso a livros de maneira democrática e diversa, mas devemos ter claro que não se cria leitores da noite para o dia, pois não basta que estes somente tenham um livro à mão para que automaticamente se tornem leitores. Como qualquer hábito cultural, a leitura requer tempo e exercício, assim é necessário um trabalho que realmente proporcione o acesso material aos livros- construção de espaços de leitura, disponibilização de obras literárias de qualidade, disponibilização de educação de qualidade- e também acesso ideológico- criar programas que façam perceber o valor da leitura, espaços para discussões onde o livro e sua temática seja o centro do diálogo.

Promover a leitura nesses moldes é promover o direito de acesso aos bens culturais negados historicamente aos indivíduos, garantindo liberdade, não a liberdade de se desprender do mundo, mas a liberdade de conhecer além daquilo que se apresenta com realidade, pois conforme diz Freire (1981) “quando um homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”.

A leitura principalmente de literatura pode proporcionar a esse indivíduo o fluir, o experimentar, ao mesmo tempo em que o forma, dando a capacidade de conhecer a si



próprio como ser humano genérico, como alguém que faz parte de um processo muito maior, dando clareza que desfrutar da literatura é um direito inalienável ao ser humano, que esse contato é um dos principais meios para que o indivíduo conheça essa história.

Clarificado isso, podemos perceber dentro do clube de leitura que a leitura, principalmente de literatura, supera e muito aquilo se tem preconizado pela mídia e pelo mercado. Ler não ajuda só a conseguir um emprego, ou a nos desprender do mundo. Ler, acima de tudo, possibilita o contato consigo mesmo por meio do outro, possibilita o refletir, o pensar sobre a vida, sobre a morte, sobre o mundo.

Ao abordar a leitura de uma forma dialógica pudemos perceber que ler não foi feito para esquecer as coisas da vida, mas para lembrá-las, agir sobre elas, conhecer suas particularidades. O ler é um diálogo que começa entre autor e um leitor, mas não precisa ficar necessariamente entre eles, deve circular, ser debatido, estimulando outros a conhecerem a si mesmos, promovendo uma ampliação do alcance da leitura, superando a visão de que para ser leitor devemos estar isolados, apartados do mundo.

Assim, escolas, bibliotecas e o próprio estado devem promover ações articuladas -e não isoladas – no sentido de trazer para a população atividades integradas de leitura. Onde o estado forneceria livros de qualidade às escolas e formação adequada aos docentes, onde a escola abriria espaços para promoção da leitura, não enquanto atividade disciplinar, mas enquanto atividade humana e direito de todo indivíduo, onde a biblioteca, não seria mais um lugar de apoio a atividades disciplinares, mas lugar de onde emana conhecimento, e os leitores se encontrariam com sua própria história enquanto seres humanos.

Só construindo condições para os integrantes perceberem a situação a que foram subjugados, poderemos constituir uma sociedade comprometida com seu futuro, mas que também reconheça no seu passado o longo processo de avanços e retrocessos pela qual passamos historicamente para alcançar os avanços tecnológicos, sociais e econômicos, deixando claro que isso não foi uma conquista individual, mas da coletividade humana.



## REFERÊNCIAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**, Campinas-SP: Mercado das Letras, 2012.

CANDIDO, A.. **A literatura como direito**. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 5ª ed. Corrigida pelo autor. 1995 p. 169-191.

CHAVES, Amanda; Goergen, Pedro. **Ética e estética na formação humana**. In revista *Exítus*, Vol. 07, nº02, p. 331-349, maio/ago 2017.

CUNHA, Maria A. A. **O acesso à leitura no Brasil – os recados dos “retratos da leitura”**. In: **retratos da leitura no brasil 3**, Org. Failla, Zoara, instituto Pró-livro. 2012.

DUARTE, Newton. **A Individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.  
HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra. 2000

LAJOLO, M. **Leitura- literatura: mais do que uma rima, menos que uma solução**. In ZILBERMAN, R. e SILVA, E. T. org. **Leitura : perspectivas interdisciplinares**,2004. 5ª ed. Editora ática, São Paulo-SP.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**, 6ª ed. São Paulo: ática, 2010

MAAR, Wolfgang Leo. **Adorno, semiformação e educação**. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, agosto 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a08v2483.pdf>

MANACORDA, Mário A. **Marxy e a pedagogia Moderna**. Editora Alínea, Campinas –SP, 2007.

MARTINS, Lígia Márcia. **Psicologia Histórico Cultural, pedagogia histórico-crítica e desenvolvimento humano**. In MARTINS, Lígia Márcia; ABRANTES, Angelo Antônio.; FACCI, Marilda Gonçalves Dias (org.) **Periodização Histórico Cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores associados, 2017 (cap. 1 P.13-34)

SILVA, E. T. & ZILBERMAN. R. (2004). *Pedagogia da leitura: movimento e história*. In:ZILBERMAN. R. & SILVA, E. T. (orgs.) **Leitura: perspectivas interdisciplinares**.



**UFAM**

**REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**  
**e-ISSN 2675-410X**



SOUZA FILHO, M. S. de. **Breve história da leitura e da escrita.** Disponível em:  
[http://www.redemebox.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=26218:breve-historia-da-leitura-e-da-escrita&catid=282:287&Itemid=21](http://www.redemebox.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=26218:breve-historia-da-leitura-e-da-escrita&catid=282:287&Itemid=21); ACESSO EM:  
21/11/2018

ZILBERMAN, A leitura no brasil sua história e suas instituições. Disponível em:  
[https://portais.ufg.br/up/75/o/historia\\_da\\_leitura.pdf](https://portais.ufg.br/up/75/o/historia_da_leitura.pdf); ACESSO EM 19/11.